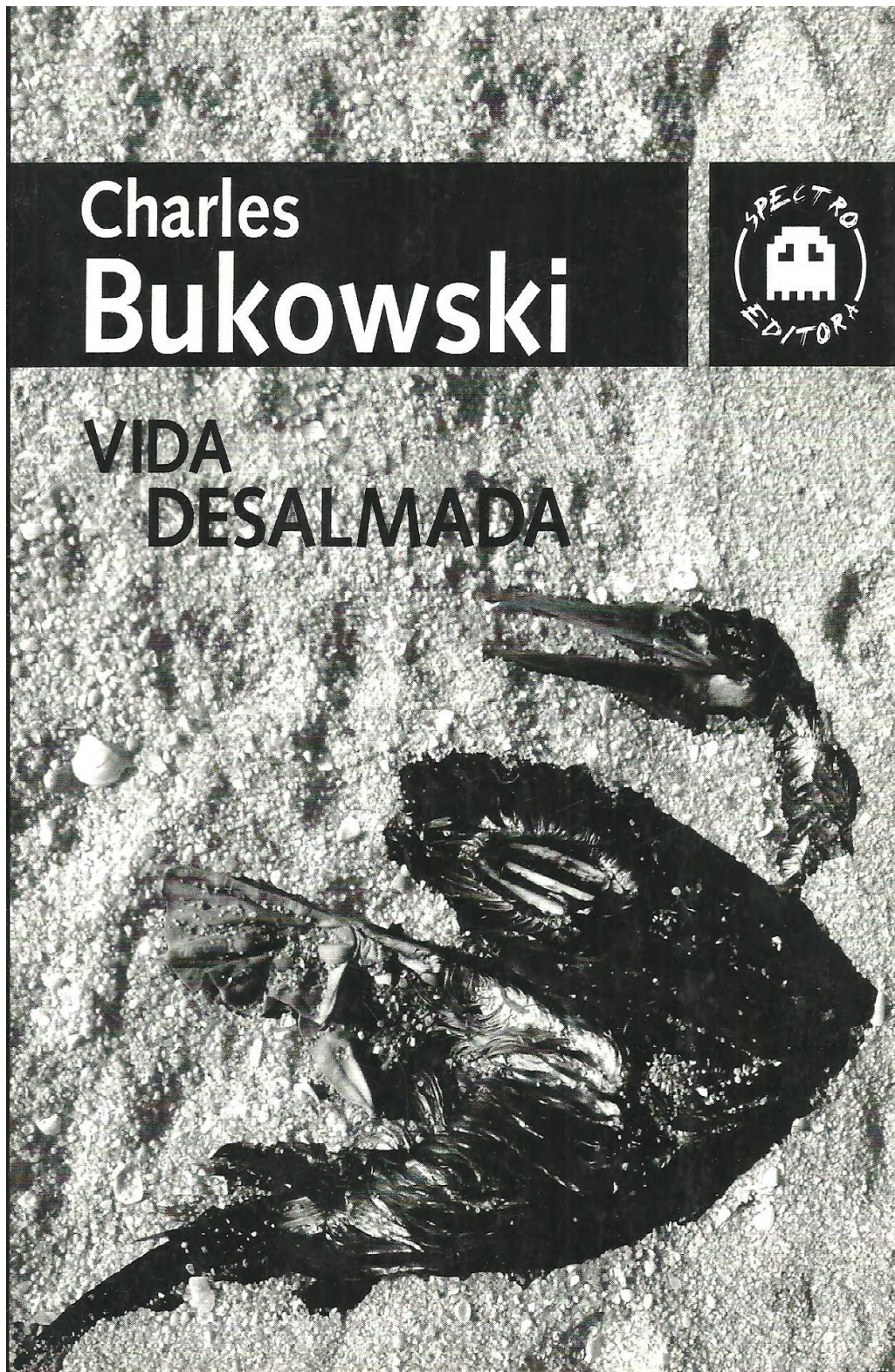


Charles
Bukowski



**VIDA
DESALMADA**





#16190

Vida desalmada

Charles Bukowski

Vida desalmada



Direitos do autor: Linda Lee Bukowski, 2000.

Título Original: The soulless life, 3a. parte do livro Open All Night: New Poems

Capa: Leila Lampe.

Foto da Capa: *Egretta Garzetta*, de Aleph Ozuas.

Ilustração interna: Rodrigo Vêras.

Tradução: Fabio Soares e Gerciana Espíndola.

Impressão e Acabamento: Gráfica Agnus.

1a. edição: 1000 exemplares.

Exemplar nº: 736

B932v Bukowski, Charles, 1920 - 1994
Vida desalmada / Charles Bukowski; tradução Fabio Soares
e Gerciana Espíndola.- Florianópolis: Spectro, 2006.
96 pp.

Título original: The Soulless Life
1. Poesia americana. I. Título.

CDU: 820(73)-1

ISBN: 85-98050-06-7

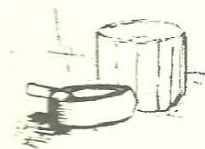


www.spectroeditora.com.br
spectro@spectroeditora.com.br
Florianópolis - SC

Sumário

sem combustível.....	7
este hábito.....	9
loucura?.....	10
é difícil quando bananas comem macacos.....	12
o velho de bengala.....	13
cálice vazio.....	15
uma entrevista.....	17
poema, poema, poema, poema.....	21
a vida desalmada.....	22
o ex-presidiário.....	25
do jeito que é agora.....	26
cachorro morto.....	27
20 pila.....	30
uma alma perdida.....	32
compaixão.....	34
ele também é consumista.....	35
mais cartas.....	37
olha isso!.....	39
não podemos.....	40
terroristas.....	41
bons tempos.....	43
lá vamos nós de novo.....	46
o gato da ilha de Man.....	47
os melhores homens são mais fortes sozinhos.....	49
outro poema de amor.....	51
o portão espanhol.....	53
sem chance.....	55
bem morto.....	56
olá.....	57
almoço.....	58
quatro jovens de uma gangue.....	63
não me importo.....	65

Bandeira Real.....	67
Mãe e a Princesa Tina.....	68
tarde da noite.....	70
suores noturnos.....	72
fechaduras.....	73
o típico bêbado.....	80
Butch Van Gogh.....	83
não quero Cleópatra.....	85
os estranhos caminhos da vida sombria.....	86
aberto a noite toda.....	88
retorno.....	90



você vê
as fábricas cansadas?
os navios errantes e putas sorridentes?
as máscaras de plástico da glória?
França e a terra quente?
as altas horas?

você vê
agora que você vê que
tudo que nos disseram
estava errado?

o elefante capturado
daquele jeito
e enjaulado
daquele jeito?

o modo como nos enganaram
e nos enjaularam também?

quão docemente triste parece isso
quão triste e doce
ao passar por pessoas solitárias na
rua
os crânios atrás da
pele
as artérias bravamente
bombeando líquido
enquanto elas se apressam para fazer
todas as coisas tolas que
têm que fazer.

mas o que você não vê
é o relógio que diz
meia-noite
e esse coração em mim
mesmo
sem combustível.

o que você vê é que
o que mais importava
não importa mais
tanto.

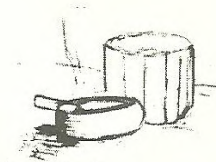
o que você vê é
o cachorro na estrada
que não se mexe.

o que você vê são
homens assustados em tanques e uniformes
nada diferente dos operários
que já conheci.

o que você vê é
Toulouse-Lautrec mijando
vermelho
e o pobre Van Gogh
pingando amarelo.

o que você vê são
sapos e dentes-de-leão
pãrdais mortos na rua
amantes na chuva
o carrasco balançando ao vento.

agora você vê.



este hábito.....

é feito ao se viver com as mulheres, uma após a outra,
e finalmente sem elas;
é feito ao parar na janela
e assistir um cachorrinho passando;
é feito em uma lanchonete enquanto você lê os
resultados das corridas e come um sanduíche;
é feito enquanto você fala com sua filha
que agora é uma mulher adulta na faculdade;
é feito ao semear o jardim enquanto
você se recupera da confusão da véspera;
depois vêm as palavras, as malditas e amadas
palavras vêm mais e mais
enquanto você se senta sozinho e
datilografa.

“posso te ouvir datilografando de noite,” diz
meu vizinho.

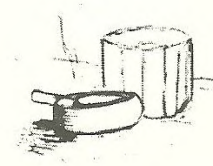
“oh, me desculpe...”

“não,” ele diz, “é um som agradável.”

ele está certo, é mesmo.
e quando eu não faço esse som por
dois ou três dias
me torno aflito
minha face fica com uma cor doentia, e –
acredite em mim –
tenho visões da minha
morte.

mas datilografando sou
imortal.

bem, talvez não imortal.
mas este hábito
esta velha máquina de escrever e
este velho
vivem bem juntos.



loucura?
.....

olha, ele disse, admita.

o quê? perguntei.

quando você vê aquela gorda
no supermercado que está
escolhendo laranjas, não
se sente a fim de ir lá e
espremer aquelas ancas feias
bem forte
apenas para ouvi-la gritar?

do que diabos você está falando,
cara? perguntei.

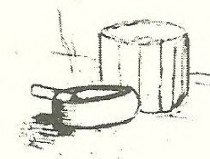
o quando o garçom te traz
teu jantar, não pensa
por um instante que poderia
matá-lo?

não antes do jantar, respondi.

o que estou querendo dizer com isso,
ele continuou,
é que há uma linha muito tênue
entre o que chamamos sanidade e
o que chamamos loucura
e que o esforço que fazemos para
permanecer no lado são
só é feito para que não sejamos
punidos pela
sociedade.
senão, iríamos
freqüentemente cruzar essa linha e
as coisas seriam muito mais
interessantes.

eu não sei do que diabos
você está falando, cara,
eu disse a ele.

ele apenas suspirou, me olhou
e disse, deixa pra lá, amigo.



é difícil quando bananas comem macacos

em parte é o fervor e em parte a poça de
lama e em parte as vozes –
(com os rostos eu já me acostumei; os anos foram generosos
comigo)
mas quando os rostos
falam
não há prazer em permanecer na multidão.

talvez o homem verdadeiramente original não exista. eu
nunca o encontrei.

às vezes acho que será o manobrista do estacionamento. ele
caminha em minha direção. ele sorri. ah, é agora, eu
penso.

então ele diz, “daí, campeão,” ou alguma outra coisa igualmente chã e
idiota.

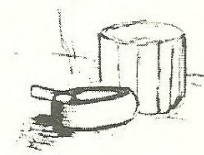
eu respondo com uma frase que navega sobre
seu ombro esquerdo e se apaga
em uma galeria verde em direção à
rua.

lhe dou minhas chaves
lhe dou meu carro

ele sai dirigindo e eu caminho para dentro do
lugar.

a recepcionista
chega. “sim?” ela
diz.

sim, o quê? preciso comer para continuar
vivo. sigo sua bunda
(que tem um certo charme inferior) mas continuo
pensando
tereí que dar uma gorjeta para aquele filho-da-puta lá fora
enquanto ele deveria ser
guilhotinado.



eu me dirigia ao
guichê de apostas quando ouvi vozes alteradas vindo
da escadaria perto do bar.
um cara jovem estava gritando a um velho de
bengala que havia recém passado ali onde ele sentava
na escadaria.

“você peidou na minha cara, seu velho fudido!”

o velho se virou, apontou sua bengala
para o jovem:

“vai tomar no cul!”

parei e assisti. uma enorme fileira de bebuns
no bar e o garçom assistiam também.

“seu velho fudido!” gritou o jovem, “vou
te encher de porrada!”

“me parece”, disse o velho, “que você está
com medo de se levantar e tentar.”

“vou te encher de porrada!” gritou o jovem,
“acha que não vou te bater?”

“porra nenhuma,” disse o velho.
então se virou e voltou a andar lentamente.

assisti ele partir.
então, quando passei pelo bar,
um dos cliente sorriu para mim:

“aquele velho ou estava bêbado ou é mesmo corajoso!”

“é,” disse outro cliente, “aquele velho
era osso duro de roer!”

“eu que não queria me meter com ele!”
disse um terceiro.

enquanto eu ia embora olhei para a fileira de homens
sentados no bar onde permaneceram
sem se mexer durante toda a discussão.
e o jovem ainda estava sentado nos
degraus pensando sobre o peido e talvez algumas
outras coisas.

alguns dias são muito mais interessantes
do que outros.



ela me disse:

“você ficou de porre e disse a minha mãe
que ela tinha uma cabeça igual a um
melão.”

ela continuou:

“bem, sua cabeça também não parece
grandes coisas.”

“eu sei,” eu disse.

“você sabe,” ela disse,

“que Marty nunca significou muito para
mim

mas ele é um amigo e minha mãe

gosta dele e ele tem

um belo jardim;

ele é viajado, culto e um

gourmet.

ele estava se matando na cozinha feito escravo preparando

nosso jantar e

o que você faz?

se embebeda e fica

bradando ‘conselheiro, conselheiro,

meu cálice está vazio!’”

“ele estava sempre longe da sala.”

“ele era o *chef*. ele tem muito orgulho em
cozinhar.”

“bem, merda, você sabe, comida não significa muito
para mim.”

“mas há *outras* pessoas para você levar em conta.”

“é por isso que eu nunca deveria ir a jantares.”

“mas você não precisava ter atacado minha mãe.”

“eu estava legal nas primeiras duas horas.
a terceira hora é que me pegou.”

“Marty disse depois, ‘por que ele ataca sua
mãe? por que não me ataca?’”

“ele nunca estava na sala.”

“você precisa se desculpar com minha mãe.”

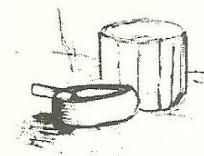
“ela é uma assassina.”

“isso é o que minha irmã pensa e você não
gosta da minha irmã!”

“sua irmã tem uma cabeça igual a uma fruta amarela
esmagada.”

agora ela corre para fora da sala. ela está
furiosa. eu a punirei não
indo no próximo jantar.

e Marty é um bom garoto mas ele puxa o saco demais
e serve muito devagar.



você está amolecendo? ele perguntou.

sim, eu disse.

você reescreve seus poemas?

sim.

você costumava reescrever?

não.

você tenta manter uma forma simples?

sim.

você não acha que há algo que se perde ao reescrever, que há algo que se perde ao manter uma forma simples?

sim, eu acho.

você acha que conseguirá continuar escrevendo bem nessa casa grande?

sim.

você parou de andar com todas aquelas mulheres malucas?

sim.

sobre o que vai escrever agora?

uma mulher, e outras coisas.

mas você criou uma imagem diferente sua.

criei?

sim. e que tal lá em Paris?

grande, cheia de fumaça de carro e pessoas.

você tem amigos?

tem um médico, um advogado, um editor e um *maître*.

não é mais como era antes.

o que você quer dizer?

quero dizer, você costumava a andar com uns vagabundos interessantes.

calma, esses caras são todos vagabundos.

agora você tem 3 banheiros.

sim, eu mijo em um, tomo banho em outro, cago no terceiro.

mas você não teme...?

sim, sempre temi.

por que você contraiu uma dívida tão grande no financiamento da casa?

para deduzir do imposto de renda.

uma vez você escreveu que tudo que um homem precisava era aquilo que ele
[podia carregar
em uma mala.

ainda acho que isso é verdade.

você acha que está ficando velho?

sim.

está escrevendo tão bem quanto escrevia?

melhor.

como pode ser isso?

acredite em mim, eu também não entendo.

you tem algum conselho para jovens escritores?

envelheçam.

you tem algum conselho para velhos escritores?

sim, nunca acredite que qualquer coisa que you escreveu
ontem tenha sido boa o suficiente.

o que you considera importante?

ter tempo para não fazer absolutamente
nada e ter a vontade de fazer justamente isso.

por que you bebe tanto?

não sei.

já analisou isso?

não, tenho medo de começar a me preocupar com meu maldito
fígado.

o que you fará quando não conseguir mais escrever tão bem?

foder.

não, de verdade.

bem, como a maioria dos escritores,
eu não vou acreditar nisso.

quem é o pior escritor que you já leu?

bem, há dois deles.

quem?

George Bernard Shaw e W. Somerset Maugham.

por que eles são tão ruins?

apenas ruins para mim, entenda.

mas por quê?

apenas uma reação estomacal.

você está sendo gentil.

eu sou uma pessoa gentil.

muitos dos seus leitores não acham isso.

o que *voce* acha?

acho que você está ficando cansado agora.

fadiga ajuda as pessoas a serem gentis. você acha que estou acabado?

saberei quando ler o seu próximo livro.

como eu vou saber quando você estiver acabado?

eu não pretendo ser escritor.

o que você pretende ser?

seu entrevistador.

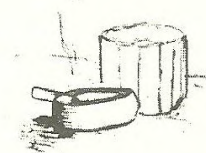
bem, você é um razoavelmente bom. quando terá acabado comigo?

acho que estamos acabados agora, ele disse,
desligando o gravador.



poema, poema, poema, poema

tem um cara que conheço,
(conheço ele bem, sou eu)
muito dos seus poemas são sobre escrever
poemas.
é fácil, é como fazer uma lista de
compras.
não escrevo um poema há 3
semanas.
hoje escrevi um poema.
ela veio e li para ela o
poema
mas ela queria drogas.
eu sentei e datilografei enquanto ela
reclamava.
liguei o toca-discos e continuei
datilografando.
ela me chamou de egoísta,
bateu a porta e
saiu.
eu levantei e alimentei o peixe e
cozinhei um
ovo.
daí eu voltei, arranquei
a folha da máquina
e então escrevi
isso.
um poema.
é tudo o que
existe
agora.
este poema.
ela se foi.
ela é louca.
ela queria drogas.
ele me chamou de
egoísta.
foda-se.



conheci a estrela de cinema, ele está interpretando Chinaski em meu novo filme, pus a mão no ombro dele: “você é legal, Ben,” eu disse.
então o diretor italiano famoso pôs sua perna em cima da mesa: “agora vou beber com você, Chinaski,” ele disse.
(é desse jeito que ele bebe sempre, me disseram.)
“OK,” eu digo e ponho a *minha* perna em cima da mesa.
esvazio meu copo, ele preenche de novo, eu esvazio de novo, ele preenche de novo.
eles concluem que sou de verdade, então.

no dia seguinte dois franceses e dois italianos da equipe do filme vieram até minha casa. ele achavam que me conhecer tinha algo a ver com fazer o filme melhor.
um dos italianos, o que me fotografava com sua câmera, me convida para visitá-lo na Itália. sua esposa gostaria de me conhecer e eles têm mil garrafas de vinho na adega.
eu peço para ele anotar o endereço.
bebemos todo o dia noite adentro.
no dia seguinte todos eles voaram de volta à Itália para terminar a filmagem e consegui algum descanso.

mas não por muito tempo: um ou dois dias depois Bo Walberg telefona, ele é da arena literária de San Francisco, diz que escreveu um artigo sobre mim para uma revista masculina e pergunta se eu iria ao estúdio de alguém
perto da esquina da *Sunset* com a *Vine* para algumas fotos e eu disse, “tudo bem.”
colocaram uma garota pequena com peitos grandes no meu colo, ela está vestindo sutiã e calcinha pretos, meias 7/8, salto alto, ela me assustou, ela me assusta, e um garoto muito sensível com cabelos ruivos tira as fotos.
claro, ficamos bêbados no fim das contas e alguém põe uma música e eu faço uma dança indígena por 22 minutos.
eles conseguiram algumas boas fotos, me disseram.

em seguida o grande diretor francês bate na minha porta.
ele é um camarada lúgubre e senta num canto escuro

bebendo vinho sem dizer nada.
não tenho vontade de falar também, então ficamos
por muito tempo sentados sem dizer nada.
então ele me entrega um grande maço de francos.
ainda assim ele não fala. ele trouxe
um amigo junto, outro diretor francês e finalmente
ele me diz: "G. quer usar alguns dos seus diálogos no
próximo filme dele mas diz que não poderá te citar nos créditos."
"diga a ele," eu digo, segurando os francos, "que tudo bem."
subo as escadas, jogo o maço de francos em um armário,
então desço e sento mais um pouco.

em seguida vem o jovem ator recém
famoso, acabou de perder o *Oscar* e é
realmente bom – na atuação – mas
ele trouxe um amigo rico e estúpido junto e eles apenas
ficam sentados por aí e falam de bucetas e fuder, talvez
é o que eles pensam que eu quero
ouvir.
o garoto ator me desafia para uma luta.
é um bom ator, só que ele precisa do texto
dos outros para existir.
como o meu.

então vem o famoso compositor
que freqüentemente se hospeda na Mansão Playboy
escreveu dúzias de músicas de sucesso que fizeram
muitos cantores famosos.
é um gênio fudido e além disso é um
cara legal
mas não bebe muito
e quando eles não bebem muito é
difícil conversar com eles.

então o famoso cantor popular chega e alega que eu
influenciei muito do trabalho dele.
ele recém casou e sua mulher está com ele
e sua mulher fala a noite toda e o famoso cantor
popular apenas fica sentado olhando para seus sapatos.
depois de muitas horas ela se cansa e eles
partem.

deixei muito de fora, é claro, porque
isso tudo veio muito tardiamente e depressa para mim
e não entendo nada disso ainda. depois conheci um
famoso diretor de teatro alemão que faz duelos de pistolas com
a sua namorada, eles atiram um no outro sem parar
me disseram, e eles são muito bons nisso.
o encontro num bar antes de uma encenação restrita de
sua última peça. eu percebo que ele me observa
por cima de sua vodka-com-laranja e digo, “como diabos
voçês fazem isso?” e ele responde, “bem, eu me envergonho
até o último fio de cabelo em dizer isso, mas eu faço teatro.”
“isso explica,” eu digo.

acho que o problema é que
quando você conhece gente famosa eles não parecem
grandes coisas. é uma
coisa muito curiosa.
é como quando eu ia e saía da cadeia
olhava em redor para todos aqueles caras e pensava,
esses caras não parecem presidiários. onde estão
os depravados? onde estão os assassinos?
nenhum deles parecia assim.

desconfio que algumas pessoas famosas não realizam muita coisa:
quando você examina a obra delas com cuidado
parece curiosamente fraca –
apenas alguma coisa ocupando espaço porque nenhuma outra
coisa está ocupando aquele espaço em específico
naquele momento específico.
desconfio que os famosos são criados mais pelo
público
e que se eu fosse o único público
ninguém seria
famoso.

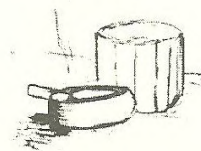
agora eu vou apenas sentar e ouvir o
rádio.
por que você não faz o
mesmo?

ele cumpriu sua pena, saiu, vestiu uma roupa preta e cantava músicas *country* e *western*. ele tinha uma boa voz profunda e suave, de início cantava sobre matanças, como era bom matar: havia uma canção onde o filho matava o pai (como diria Dostoiévski, quem não quer?): mas a maioria das músicas eram sobre pessoas comuns em suas duras vidas cotidianas. ele também gostava de voltar ao presídio e cantar para os condenados, e eles gostavam no início, então suas músicas começaram a soar como se outra pessoa estivesse escrevendo elas, tornaram-se menos perigosas, e uma noite ele apareceu num especial de TV com dançarinas e comediantes de Las Vegas, e aquela foi a noite em que o risquei da lista.

depois disso ele continuou a voltar para cantar nas prisões, mas sua voz não soava mais tão boa, os condenados não reagiam como de costume, as vendas caíram, e ele meio que sumiu por uns tempos, diziam que ele fora da bebida às drogas e então ele voltou como um cristão renascido e as vendas aumentaram um pouco, então caíram de novo.

eu estava no hipódromo hoje e após a décima primeira corrida anunciaram que ele cantaria nas pistas de corrida naquela noite às 7:30.

quando caminhei para a rua vi a multidão enfileirada para comprar entradas – nem um homem ou mulher naquela multidão, apesar de que tinham mão e pés e cabeças, e sapatos nos pés, e estavam decentemente vestidos, não havia ninguém naquela multidão, nada nem ninguém mesmo.



do jeito que é agora

te digo
já vivi com algumas mulheres deslumbrantes
e estava tão enfeitiçado por aquelas
lindas criaturas que
minhas sobrancelhas tremiam.

mas eu preferiria dirigir até Nova Iorque
de marcha-ré
do que viver com qualquer uma delas
de novo.

a próxima estupidez clássica
será a história
daqueles caras
que herdaram meu legado
feminino.

no caso deles
assim como no meu
eles descobrirão
que a loucura
é causada por não
ficar tempo o suficiente
sozinho.



cachorro morto
.....

Larry era retardado. sempre
gostei de falar com ele.

ficávamos em pé no meio da
fumacenta *Hollywood street*
discutindo
coisas.

existe uma parte grande de
mim que sempre se sentiu confortável
com retardados

tínhamos então uma
conexão.

nesse dia em específico
ele me disse, “meu cachorro
morreu então eu arranjei outro.
o nome do meu primeiro cachorro era
Larry. então eu nomeei esse cachorro de
Larry também.

“isso é bom, garoto,” eu
lhe disse.

“como vai indo?” ele
perguntou.

“oh, tudo bem,” eu
disse.

“SÉRIO?” ele
gritou.

ele começava a gritar
vez ou outra.
era bem estranho.
tão estranho quanto nomear seus
cachorros com o próprio nome.

“bem, na verdade não,” eu disse.” não tive nenhum cachorro morto mas minha sorte não tem sido muito boa ultimamente.”

“COMO ASSIM?” ele gritou.

“é a mulher com quem eu moro, Larry. ela rouba meu dinheiro e fode com outros homens.”

“É MESMO?”

“mais *baixo*, Larry, metade da vizinhança já sabe sobre ela.”

“VOCÊ DIZ AQUELA COM...”

“fica *quieto*, Larry...”

ele se aproximou e perguntou suavemente, “você diz aquela com o cabelo ruivo comprido e os grandes peitos?”

“sim, Larry...”

ele se aproximou ainda mais: “por que você não se livra dela?”

“estou tentando, Larry...”

“você quer conhecer meu cachorro novo?”

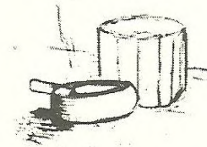
“amanhã talvez, Larry, obrigado,
e vai com calma...”

voltei para meu apartamento
subindo a avenida.
eu sabia que quando abrisse a porta
ela diria, “por que você não sai e
arranja algum pó?”

ela me enganou, ela disse,
“por que você fala com aquele
idiota fudido do Larry?”

“ele é o único que
me entende,” eu
respondi.

“ótimo,” ela disse. “agora
por que não saímos e arranjamos
algum pó?”



ele fora famoso em sua época,
ainda consegue umas pontas por aí
no cinema e na tv.
por anos eu o vi no
hipódromo todo dia.
nós nunca conversamos muito.
pelo que lembro ele estava lá, ele
gritava meu nome:
“EI, CHINASKI!”
fosse na escada rolante
ou quando estava atrás de mim
ou estivesse passando,
“EI, CHINASKI!”
eu gritava de volta o nome dele
e era isso.
anos disso.
ele conhece alguém que eu conheço.
esse, eu suponho, é o
vínculo.

finalmente, um dia, ele veio
até mim.
foi depois do 5o. páreo.
ele me viu saindo do
guichê de pagamento com um rolo de
dinheiro.

“eu tô duro,” ele disse,
“você tem algum?”

desenrolei uma nota de 20 e entreguei
a ele.

“valeu,” ele disse, “te pago
amanhã.”

ele se foi.

eu o vi de novo após o 6o. páreo,
ele estava andando junto de um muro
em uma sombra.

me virei e fui cuidar da minha
vida.

no dia seguinte eu não o
vi.

de fato, 3 meses se passaram
e eu não o
vi.

miseros 20 pila
e ele se esconde.

eu sei que ele está no hipódromo.
está se esquivando e
fugindo.

me pergunto de quantas pessoas
aquele pobre cara está
se escondendo?

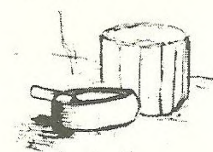
miseros 20 pila.

ele era famoso.
deve ter tido pelo menos um
milhão.

mas ele não sabe escolher um
cavalo.

toda sua sorte viera
cedo.

agora
ele se esconde.



bem, me disseram que isso iria acontecer.
o telefone toca.
eu acabei de comer uma laranja.
há 3 aparelhos de telefone.
eu atendo o que está na mesa de café.
eu sou o homem das fábricas.
eu sou o que dormiu em bancos de praça.
eu sou o que tentou suicídio e falhou.
eu sou o que viveu com uma dúzia de putas.
eu sou o que já esteve em uma dúzia de celas de bêbados.
eu sou o que foi acusado de estupro
e o que foi acusado de escapar do alistamento militar
quando isso não era a coisa mais popular a se fazer.
atendo o telefone e digo: “sim?”
“Chinaski?” ele pergunta.
“sim?”
é o editor de uma das maiores revistas literárias
de nossa grande nação.
“ouça, eu quero que você nos escreva um conto.
não temos notícias suas há muito tempo. o que
você anda fazendo?”
eu mordo um pedaço de torrada com bastante manteiga, então
falo o melhor que posso com minha boca cheia.
“romances, cavalos, bebidas. sim.”
ele responde: “bem, envie-nos algo logo, pode
ser?”
eu digo “sim.” deixo o fone cair de volta no gancho.

agora eu tenho que sonhar com alguma bobagem
fantasiosa para fazer as pessoas felizes.
isso não me agrada.

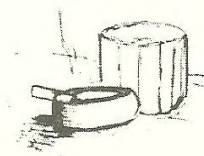
abro um par de latas de ração para gatos e alimento os gatos.
há dois deles.
um só come de atum.
o outro só de carne e coração.
difícilmente seriam gatos de bancos de praça ou fábricas.
olho para eles, gordos e satisfeitos.

eles se curvam sobre seus pratos e me mostram seus
buracos do cu secos.
bem, merda, agora irei ao hipódromo ou
improvisar um estória rápida por mil pila?

na rodovia eu abro o teto solar e meus cabelos cacheados
de escritor sacodem no vento californiano de 100 km/h.
eu posso escrever a estória hoje à noite, enquanto isso
eu posso checar as putas no bar do hipódromo,
agora todas elas usam saias com fendas,
fendas que vão até o quadril, algumas usam calcinhas, as melhores
não.

descendo a *Century Boulevard* e ouvindo Mahler
percebi que não sou o pior cara do mundo.
hoje li no jornal sobre a estrela pop
que chegou na
Comissão Internacional de Pesca de Baleias com sua guitarra e
apresentou uma petição assinada por meio milhão de americanos
pedindo o fim da pesca da baleia. então ele cantou uma música chamada
“Eu Quero Viver”.
a CIPB não pareceu estar impressionada.
depois o cantor disse ao repórter:
“eu já nadei com baleias e elas
são criaturas maravilhosamente amistosas, tão interessadas em mim
quanto eu nelas. eu venho aqui como um ser humano que celebra
a vida neste planeta e eu espero compartilhar minha vida e minhas canções
com todas as outras criaturas que vivem e respiram.”

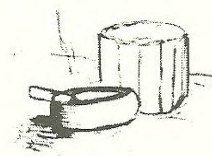
estou quase no hipódromo.
entro, vou ao até o estacionamento.
todos os atendentes me conhecem.
um deles me entrega meu tíquete do estacionamento.
pergunta: “como vai, campeão?”
resmungo, aceno com a cabeça, salto do carro,
encolho o ombro direito para
olhar para a esquerda e
vou para as pistas.



ela entra e me diz que acabou de ver um cachorro
ser atropelado, só que as rodas não o esmagaram, o carro
passou sobre ele e ele saiu confuso e mancando,
sem coleira, muito magro, faminto.
ela diz que temos que achá-lo e eu digo que temos
que chamar a carrocinha
e ela diz que a única coisa que farão é matar o cachorro
se ela os chamar.

naquela noite saímos para jantar e enquanto voltamos de carro
passamos por uma caminhonete com alguns garotos na traseira e ela
disse,
“você viu aquilo? tinha um garotinho
amarrado gritando na traseira
daquele carro!”
eu rio e ela pergunta, “do que você está rindo?”
“são apenas crianças brincando,” eu digo, “polícia e ladrão, Batman
ou qualquer outra coisa que elas curtam agora. acontecia muito comigo,
sempre me amarravam todo.
“por favor, volte,” ela diz, “vamos ter certeza de que não há nada de
errado!”
eu rio de novo.

paramos na sinaleira e noto que a tinta
do capô está ficando fosca - terei que mandar
encerar em breve.
ela olha fixo para frente e não fala.
quando a luz verde acende
eu ligo a música no rádio bem
alto.



ele também é consumista

O Estrangulador já
assassinou e molestou sexualmente
onze jovens mulheres nos
arredores de Los Angeles e
Hollywood.

faltam agora 5 dias para o natal
para ele
assim como para o resto de
nós.

tem uma Força Tarefa Estrangulador
com 65 homens trabalhando
noite e dia.

a maioria das garotas eram
prostitutas.

em todo lugar que você vai
as pessoas falam sobre O
Estrangulador.

elas falam sobre ele
nas lanchonetes *Sizzler*
no *McDonald's*
nos cinemas do *Pussycat Theater*
no observatório do parque *Griffith*
e até mesmo no restaurante *Howard Johnson*
da esquina da *Hollywood* com a *Vine*
elas falam sobre
ele.

O Estrangulador está a 5 dias
do natal
e agora ele faz compras na *Zody's*
como todos nós, mas
com 2 cartões de crédito
roubados.

de acordo com a polícia
ele se veste de forma simples
tem olhos castanhos
caminha mancando
mora com a mãe
e tem um dente de
ouro
na frente.

fora isso
ele não é diferente de ninguém
mais
exceto por uma coisa:
ele pode estar usando tênis marrons
gastos com cadarços
pretos.

Feliz Ano
Novo.



mais cartas

eu recebo mais e mais cartas, muitas
sem sentido
mas vez ou outra chega uma carta com
alguma profundidade, humor e lucidez.

sou solitário, mas não esnobe.
uma boa carta merece uma boa resposta.

e então, uma correspondência começa
e, sem falha, isto é o que acontece.

a segunda carta que eu recebo do meu
correspondente
parece ter um pouco menos profundidade do que a
primeira.

eu respondo mesmo assim.

a terceira carta despenca ainda mais.

eu tento de novo.

a quarta carta é realmente
idiota.

eu não respondo.

mais outra carta chega,
quase indecifrável.

não consigo respondê-la.

então mais cartas chegam recheadas de
raiva, ameaças e vinganças.

um cara, por não receber respostas,
me mandou uma folha lambuzada de
merda.

bem, estou livre desse,
pensei.

nem tanto, outra carta logo
chegou como se nada tivesse
acontecido.

do que estou falando aqui
é da similaridade
de todos esses escritores de
cartas.

um monte de ótimos começos
evaporando em
nada.

é como se eles apenas não tivessem a força para
prosseguir.

eles me lêem
eles me escrevem.
e então,
depois de um tempo, eles me
odeiam.

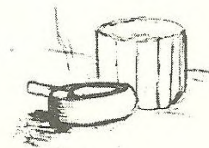
e são todos
homens.

as mulheres também escrevem
mas eu não respondo
a elas.

eu sei que elas também significam
problemas.

problemas piores.

acredite.



olha, isso!

minha vida toda
andando
cá e lá
ouvi vozes –
geralmente duas pessoas
se aproximando de mim:
“Jesus Cristo, *olha* só aquele cara!”
ou:
“meu deus, você viu *aquilo*?”

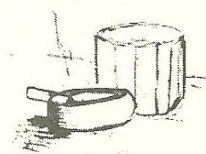
acontece nos supermercados
nos hipódromos
nos estacionamentos
nas lojas de departamentos
ou quando estou caminhando
rua abaixo:
“ei, você *viu* aquele cara?”

evidentemente existe um outro jeito
com o qual uma pessoa deva se parecer.

eles me xingam
quando passo:
“aquele filho da puta!
você *viu* aquele fudido?”

continuo andando.

não há muito mais que eu
possa fazer.



não podemos
vencer
sabemos que não podemos
vencer
fazer certo e
vencer
fazer errado e
vencer

alguma outra pessoa irá
vencer

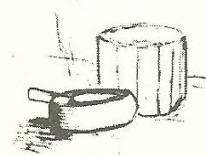
é o que acontecerá

mas aceitar isso é
impossível

como um gato que uma vez vi ser morto e
esfolado ante meus
olhos

e os rostos
humanos
assistindo.

não podemos
.....



terroristas

vindo da rua
do beco entre
o meu edifício e
o prédio vizinho
houve explosões
o estrondo e o estalo de garrafas
de vinho vazias
vindas do alto
vidro estilhaçando e explodindo
em todas as direções.
abri minha porta e entrei
era uma boa tarde quente
no fim de maio
as flores estavam à toda
em todos os lugares.
tirei toda minha roupa e
me estiquei na
cama.
então ouvi vozes lá fora
vozes de outras pessoas que
moravam no meu prédio:
“tem um casal de porto-riquenhos lá em
cima! eles moram no alto do
prédio vizinho!”
“eles bebem e jogam suas
garrafas aqui embaixo!”
“sim, eu *sei*. chamei a
polícia mas eles não fizeram
nada!”
“é, eles estão muito ocupados passando multas!”
“tem uma mulher lá em cima, ela
usa malhas vermelhas!”
“ele usa uma bandana na cabeça
e está sempre gritando
e jogando coisas pra baixo, garrafas,
lixo, tudo!”
“vamos fazer um abaixo-assinado! vamos
fazer aquele prédio ser *interditado*!”

“sim, um abaixo-assinado! eu morava
naquele prédio! coisas *horríveis* acontecem
lá!”

“vamos fazer um abaixo-assinado!”

no dia seguinte a síndica do meu prédio
me acha enquanto estaciono meu
fusca.

quando saio ela
empurra uma prancheta para mim.
ela já tem 26 assinaturas.

“Han...” ela começa a
dizer.

“não,” eu digo.

“Han...” ela começa a dizer
novamente.

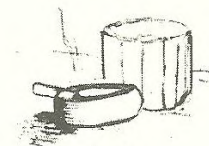
naquele prédio moram os pobres,
os pretos e mexicanos pobres e
alguns orientais doidos.
é a última chance deles
o último prédio barato
entre eles e a rua.

“Hank,” ela diz, “por que
não?”

“porque,” eu digo, “algum dia
alguém vai fazer um abaixo-assinado para se
livrarem de *mim*.”

ela ri
sem entender
nada.

eu sigo meu caminho
abro minha porta
entro:
só mais um doido branco
fracassado.



fiquei cansado de ir aos bares
e depois fiquei cansado até de
dirigir até a loja de bebidas,
comecei a encomendar por
telefone.
eles me conheciam.
alguns tinham lido meus livros.
podia ouvi-los falando
no fundo
através do telefone.
estavam discutindo sobre
quem iria
entregar o pedido.
todos queriam entregar,
eles queriam ver o
circo de horrores:
eu na porta
com cabelo na cara,
minha barriga de cerveja sob a camiseta,
meus olhos vermelhos,
minha barba por fazer,
as garrafas no chão,
as mulheres.
eles queriam ver
isso.
eles achavam que eu estava mesmo
vivendo.
eu apenas tinha muita sede,
só isso.
e as mulheres estavam
lá por causa da bebida de
graça.

eu sempre tive problemas
para me livrar dos
caras de entrega.
eu pagava a conta, dava gorjeta
e eles ficavam parados lá
na porta

olhando para dentro.

“você já pode ir,”
eu dizia.

“ahn?”

“está na hora de você
sumir.”

ele estava olhando para dentro
para as mulheres
que realmente não eram
grandes coisas
para se ver.

“ahn?”

“você está parado na
porta.
agora parta ou eu
te faço
partir!”

ele dava um passo para trás
e eu fechava a
porta,
carregava o pacote
para a cozinha nos
fundos,
tirava as
garrafas e os
charutos
embaixo de uma
lâmpada barata ofuscente.

“ei, pelo amor de deus,
me traz uma birita!”
eu ouvia a voz vindo
do outro cômodo.

“é, merda!” eu ouvia
outra voz.

“mantenham as calças no corpo,”
eu dizia.

“não estou usando
nenhuma.”

“faz sentido.”

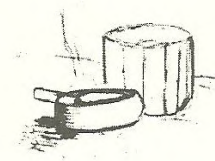
naqueles dias todo mundo
queria ser
como eu.
e hoje em dia
eles querem
também...

faz sentido.



lá vamos nós de novo

caminhei até meu carro
e lá estava um bilhete sob o
limpador de pára-brisas:
“ei, velhinho,
me liga qualquer dia.
você sabe
meu número está na
lista.”
e ela assinou:
“olhos castanhos claros.”
eu sabia quem era,
as letras grandes eram imediatamente
reconhecíveis sem a
assinatura.
ela me pregara na cruz por um
ano.
ela viera depois daquela que me
pregara na cruz por cinco anos.
rasguei o bilhete.
então a mais recente veio andando
até o carro.
“pronto pra ir, paizinho?” ela perguntou.
“pronto pra ir,” eu disse.
entramos no carro e saímos.
precisávamos de limões, pão, peixe,
verduras, azeite de oliva, vinho e
papel higiênico.
e ração de gato e talvez cebolas
também.



o gato da ilha de Man
.....

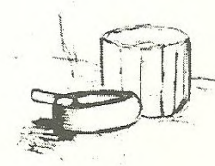
será que erramos de novo?
rimos menos e menos,
ficamos mais tristemente sãos.
tudo o que queremos é
a ausência dos outros.
até mesmo a música clássica favorita
foi ouvida demais e
todos os bons livros foram
lidos...

há uma porta de vidro
deslizante
e lá fora
um gato branco da ilha de Man
está sentado com um olho vesgo
sua língua saindo por um
canto para fora da boca.
me inclino
e abro a porta
e ele vem correndo para dentro
as pernas da frente correndo
em uma direção,
e as traseiras
em outra.

ele dá a volta no
quarto com um ângulo doentio
para onde estou sentado
sobe com as garras pelas minhas pernas
meu peito
põe as patas dianteiras
como se fossem braços
sobre meus ombros
enfia seu focinho
no meu nariz
e olha para mim
tão bem quanto pode.
também perplexo,
eu olho para ele.

uma noite melhor agora,
meu velho,
um momento melhor,
um jeito melhor agora
presos juntos
desse jeito
aqui.

sou capaz
de sorrir de novo
quando de repente
o gato da ilha de Man
salta longe
dispersando pela
saída acarpetada
caçando alguma coisa que agora
nenhum de nós
consegue ver.



**os melhores homens
fortes sozinhos
.....
são mais**

na maior parte do tempo em que um homem está tentando
escrever
alguma mulher entra e sai
ela quer isso
ela quer aquilo.

na maior parte do tempo em que um homem está escrevendo
ocorrem discussões simultâneas com alguma mulher.

não é fácil discutir com uma mulher e escrever
ao mesmo tempo.
às vezes eu acho que as mulheres têm ciúmes da
máquina de escrever.

a máquina de escrever dá a elas refeições em restaurantes,
um carro decente, roupas, sapatos.
mas elas têm ciúmes da máquina de escrever.
“quando você vai pro andar de cima para escrever, eu fico completamente
sozinha,” elas dizem.

quando eu vou lá pra cima para escrever eu fico sozinho
também.
houve vezes em que não havia
um andar de cima.
houve vezes em que havia um quarto
com o banheiro no fim do
corredor.
houve vezes em que não havia um
quarto ou uma máquina de escrever, apenas um
banco de praça.

“aquela máquina de escrever é a sua muleta,”
elas dizem sabiamente.

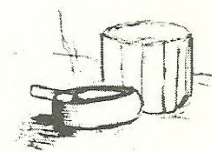
estou velho demais para voltar para a fábrica,
a fábrica não iria me querer
agora.

felizmente
esta máquina tem sido tão fiel a mim
quanto qualquer mulher que eu tenha conhecido.

e hoje a noite é especial.
estou sozinho de novo
exatamente como quando comecei.

meus dedos batem nas teclas.
a guerra nunca acabou.
eu gosto dessa luta.

e agora fica claro para mim que
não há nada tão bonito e
puro e tão perfeito quanto o
verso bem escrito.



outro poema de amor

suas unhas dos pés estão muito compridas, ela disse,
meu deus.

e eu disse,
eu nunca corto as minhas próprias unhas dos pés,
alguma mulher sempre faz isso pra
mim.

ela pegou o cortador e começou.

eu estava em San Francisco
esticado no chão.
ela era uma dançarina profissional,
nós fizemos amor, fomos ao Cais do
Pescador, voltamos e tomamos
um chá de ervas, estávamos descansando antes
de fazer amor
de novo.

ela tinha um quarto cheio de discos de música clássica
e livros,
inclusive meus.

essas unhas, ela disse, meu deus.
mas fique parado, não vou
te machucar.

pronto, ela disse quando acabou de
cortar, agora você pode arranjar uma outra vadia
para te cortar na próxima
vez.

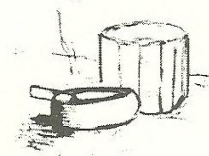
então ela pegou um óleo e começou uma massagem
nos meus dedos e pés.

você vai massagear meu pescoço em
troca, ela disse.

massageei o pescoço dela em homenagem a Mozart
e logo estávamos fazendo amor
de novo.

agora estou de volta em Los Angeles
sentado na minha cozinha
descalço,
e imagens dela
passam pela minha
cabeça.

Nina,
eu espero que a próxima vadia a cortar minhas unhas dos pés
seja você.



depois da leitura, fomos à casa dela, um lugar grande
com um belo portão de ferro importado da Espanha
e na casa estavam suas adoráveis filhas que
sorriram para mim com seus lábios e seus olhos e
seus corpos, mas então
elas saíram
e me sentei com a senhora na cozinha dela e
ela me mostrou seu romance publicado na Europa
muitos anos antes. olhei a capa e folheei
as páginas mas não estava interessado no livro dela:
tinha meu pagamento pela leitura e uma garota
jovem em uma boa casa em L.A. estava esperando por mim.

mas
essa senhora tinha cultura ou
pelo menos parecia ter e
ela falava com um sotaque europeu e
eu gostava de ficar sentado olhando ela fumar seus
longos cigarros.

ela me disse que eu poderia ter meu próprio quarto naquela
noite e eu disse que estava tudo bem e
conversamos e mais tarde ela me mostrou
o meu quarto e ela foi dormir e eu me enfiei debaixo dos cobertores
por um tempo
então
levantei
encontrei o quarto dela e entrei na cama com ela e fizemos
aquela coisa ordinária e rotineira e então
dormimos e na manhã seguinte
saí por seu portão espanhol importado e peguei um
táxi para o aeroporto e volti de volta para minha jovem garota em L.A.
com sua boa casa
própria.

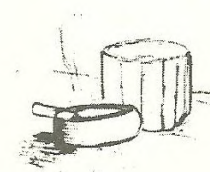
algumas semanas depois recebemos um pacote pelo correio daquela
senhora. ela enviou o romance que
havia publicado na Europa por uma editora importante

muitos anos antes e
assinou “amor” e perguntou em uma carta anexa
se eu poderia pedir agora ao meu editor para republicar o livro dela aqui nos
Estados Unidos.

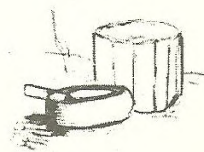
li
gostei o bastante e
enviei ao meu editor.

isso foi há onze anos e o meu editor não
republicou aquele livro ainda
mas aqui está um poema sobre ele.

não é um grande poema, pode-se ver, e talvez nem
devesse ter sido escrito
a não ser pelo fato de
que eu realmente sinto falta
daquele
belo
portão
espanhol
importado.



lendo poesia nessa revista de poesia
me sinto como se fosse suavemente esbofetado por
um peixe morto.
levanto da cama e me movo com dificuldade
pelo quarto
procurando por mim mesmo.
fico de pé perto do armário, rindo.
ando, fico pensativo,
desço as escadas.
minha mulher me percebe, não está
surpresa.
fico diante da porta de vidro que
dá para o quintal.
como sempre, tenho esse suave impulso de
me jogar através
dela.
em vez disso, sento no sofá.
meu estômago me incomoda.
minha mulher está com um humor pacífico.
então a porra do telefone
toca.
nossa secretária eletrônica responde:
“NÃO TEM NINGUÉM AQUI,
ACREDITE.”
a pessoa desliga sem deixar
uma mensagem.
ficamos gratos.
a noite chega pelas portas de
vidro.
me levanto e deixo um dos gatos
sair.
ele tem olhos azuis e uma
máscara.
fico olhando minha
mulher.
“tentei ler alguns poemas
essa noite,” eu digo.
ela me olha.
“eu sei,” ela
responde.



discurso vazio e pretensioso lambuzado em muros
santificados
repetidas e repetidas vezes
até que quase todo mundo acredite que é
viável.

afetações dos séculos aceitas
como Arte.

cuidado com os livros didáticos, cuidado com as bibliotecas,
cuidado com as galerias,
cuidado com o pai e o professor.
cuidado com a mãe.

nascemos numa civilização atordoada
por uma mediocridade esmagadora.

o que está diante de nós é um truque, uma
ilusão, uma mentira.

o útero nos cuspiu num cano de esgoto.

novos deuses são necessários.

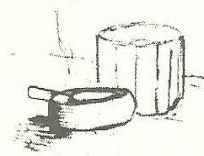
novas portas precisam ser abertas.

esperamos tanto por tão pouco.

devemos romper o cerco.

essa obscuridade fede a nós,

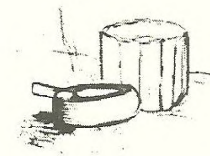
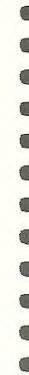
aqui.



às vezes mesmo escrever não ajuda
e você fica sozinho com qualquer coisa que esteja
matando você
e a estupidez das
paredes penetra
em você
e lá no canto está a
garrafa -
sua última amiga, sua última amante,
seu outro teclado.

olá.

olá



estacionei nos fundos
e entrei para comer.
um novo restaurante
um lugar pequeno
um cara muito pequeno
quase um anão
atrás do balcão.
isso é bom, pensei,
um cara pequeno como ele,
está se virando, tem seu
próprio negócio mas ele está muito
nervoso, por que ele está tão
nervoso?
fiz o meu pedido e
disse, “pode começar a preparar,
volto logo, vou
do outro lado da rua comprar um
jornal.”
“ok,” ele disse.
tinha uma mexicana
lá esfregando o chão.

quando voltei, a
garota ainda estava esfregando e
o cara não tinha começado a fazer o
meu pedido.
ele estava gritando com a
garota: “se apresse e
acabe de esfregar! as pessoas
vão chegar
logo e você terá
que me ajudar
com os pedidos!”

“estou aqui agora,” disse,
“meu pedido já está pronto?”

“só um minuto,” ele disse.

correu para o banheiro
e deixando a porta
meio aberta ele
baixou o assento da privada
puxando a calça e
a cueca para baixo
em um só movimento.

“ligue a porra da
cafeteira!”, gritou
para a garota
enquanto ele estava lá sentado.

então ficou em silêncio
cabeça baixa
trabalhando
neste novo problema.
eu olhei ele
acabar
me assegurando de que ele
lavaría
as mãos.

lavou
depois saiu
e começou a preparar
o meu pedido.
a garota ainda estava
limpando o chão.

sentei
numa mesa pequena
e li as manchetes:
os russos estão
na fronteira da
Polônia novamente.

olhei os resultados
anteriores e as corridas
do dia.

“ok,” o carinha
gritou para
mim, “está pronto!”

fui lá
peguei meu pedido
paguei
voltei para a
mesa
comecei a comer
lendo:
vereador acusado de
fazer sexo com três menores
dando-lhes drogas
as garotas tinham 14, 15 e
16 anos.
o vereador
nega as acusações.

“acabe de esfregar esse chão!” o cara
gritou para a garota. “você
já fez o café?”

a garota veio limpar perto da minha mesa,
o chão parecendo muito limpo.
ela devia ter cerca de 20 anos.
“me ajude,” ela disse.
tinha um sotaque forte.
“o quê?” perguntei.
“me ajude!” ela repetiu
com mais ênfase.
seus olhos eram castanho-escuros e
eu podia ver o pânico
neles.

“ah sim,” sorri de volta.

ela fez uma pausa
e continuou seu trabalho.

“venha aqui!” o carinha
gritou para ela.

ela botou o pano no balde
e foi até o balcão.

“você não sabe de nada!” o carinha
gritou para ela. “me ouça e
talvez você aprenda alguma coisa!”

terminei de comer
e saí
para os fundos.

enquanto abria
a porta do carro
podia ver pela
porta de tela
atrás do café.
pude ouvir a
voz dele
mas não podia
decifrar as
palavras
tudo o que pude ver
eram seus braços
se agitando
enquanto ele gritava

ela estava num
vestido curto vermelho e
sapatos brancos baixos
ficava
diante dele
e escutava.

entrei
no carro
dei a partida e
saí do
estacionamento

para o
beco
dobrei à direita
descendo o beco
peguei
a esquerda
na rua
seguinte
depois
à direita
e então
estava
na principal
e
no meu caminho.



quatro jovens de uma gangue

você sabe como as mulheres conseguem.
elas podem *implicar* com você.
estava brigando com minha namorada
e estava brigando como um louco.
estávamos discutindo pelo telefone
e eu disse *acabou!*
e ela disse *acabou!*
e desligamos.

fui para a pista de corridas àquela
noite e apostei em todos os
azarões
e apostava muito porque não me importava
e ganhava quase todas as malditas corridas
mas isso só me fez ficar com raiva
porque não tinha ninguém em volta para ver
o quão bom eu era mesmo quando
não estava tentando e isso em particular
só me fez ficar ainda mais infeliz.

então as corridas acabaram e eu tinha
toda aquela grana mas não me importava com isso
quando dirigi para a 8a. Avenida
e parei num sinal de trânsito.
era uma parte podre da cidade
e o carro de trás
começou a forçar meu pára-choque traseiro.

olhei para trás e tinha quatro
jovens de uma gangue no carro atrás de mim.

saí rápido do sinal
desviei para o meio-fio e esperei
deixei eles passarem por mim
então dei a partida e fiquei atrás deles
e coleí atrás do carro deles.
a cada sinal de parada eu batia no
pára-choque traseiro deles.

eles aceleraram,
dobrando esquinas e descendo ruas laterais.
eu seguia, fazendo curvas fechadas,
derrapando, fiquei tão próximo quanto pude do pára-choques
do carro deles.

então o carro deles parou
e eles só ficaram sentados esperando
perto de um parque escuro.
parei atrás deles
abri a porta
saltei do carro e
corri pra cima deles.

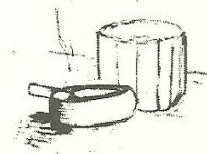
o carro deles disparou
para dentro da noite.
corri de volta, pulei para
dentro do carro, fui atrás deles,
virei à direita onde eles
viraram mas

eles haviam desaparecido...

nunca contei isso para minha namorada
depois que nós voltamos a ficar juntos
mas eu falei pra ela
que tinha ganho 1200 ou
1300 dólares.

“foi uma noite de sorte para
você,” ela disse.

“você está mesmo certa,”
respondi.



não posso mais fazer isso, nada disso, estou entregando meu distintivo finalmente, é isso que ELES ESTAVAM

ESPERANDO:

agora eles podem dançar na rua

e sua inveja pode tornar-se suave:

“sim, tenho que admitir que Chinaski *conseguiu* escrever um pouco nos velhos tempos...”

faz mais de uma semana e não escrevi uma linha decente, e escrever nunca foi difícil para mim antes.

ando pelo quarto, olho para

mim no espelho:

por quanto tempo você achou

que seria capaz de brincar com as palavras?

tudo acaba um dia então

pare com essa choradeira.

droga, nunca tive problemas para escrever antes.

62. o que vou fazer?

sentar no parque com os outros velhos bundões?

quem imaginaria que você pudesse durar tanto tempo mesmo?

é a primeira noite quente de verão, uma

garrafa de vinho acabou agora enquanto o rádio toca

uma sombria música de câmara.

uma coisa eu digo, no entanto, aqui está bom agora

mesmo com tudo mais dando errado, não estar

discutindo com minha mulher hoje à noite.

ela saiu para algum lugar

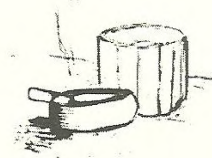
e este

poema que nunca começou de verdade

agora está pronto e

a segunda garrafa de vinho está esperando
por mim.

bem, eis uma arte que eu ainda consigo
manejar.



noites ruins não podem ser curadas com poemas ruins, você
tem que esperar, olhar para uma maçaneta, ler o jornal
todo de novo

você não é o único a ter uma noite ruim, este é um
mundo cheio de noites ruins

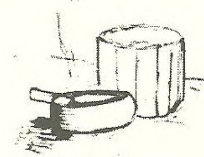
e às vezes basta apenas ter uma máquina de escrever
e
fumar um cigarro
e só olhar para a máquina

e divagar sobre a sorte que você teve
com essa máquina e
com outras máquinas

no entanto
uma está mimada
uma quer
mais e mais

e agora meus dedos
batem nas teclas
e contam para você e para
ela

sobre tudo isso.



sabíamos que era uma armadilha para turista, é claro, mas às vezes
você entra assim mesmo.

PRINCESA TINA estava cantando

no outro lado do porto,

num restaurante-bar flutuante,

manobrista disponível.

uma mesa de jantar para quatro seria uma espera de trinta minutos, mas

enquanto isso havia o bar com orquestra e dança e

(é claro) PRINCESA TINA.

pegamos nossas bebidas e estava horrível lá dentro:

os clientes, a cantoria, as bebidas.

fiquei observando uns 50 ou 60 rostos

em uma busca frenética por algo real.

então encontrei duas cabeças grandes em dois corpos grandes:

ele esticando suas pernas vagarosamente sob a mesa

e ela apenas sentada lá com sua grande barriga de cerveja pendurada para fora.

todos os outros passageiros eram menos que nada

“olhem,” falei para os outros na minha mesa,

“lá. as únicas duas pessoas reais aqui dentro.”

eles olharam. a música acabou.

então o mestre de cerimônias perguntou no microfone,

“agora, quem gostaria de ouvir sua música

favorita?”

meu homem com a cabeça grande pôs-se de pé, olhou

em volta e disse,

“bem, como hoje é Dia das Mães, acho que deveríamos

ter uma música para *Mãe!*

não acho que qualquer um de nós ame sua Mãe

o suficiente!”

então a orquestra começou uma música de Dia das Mães

e era dançante e as duas cabeças grandes

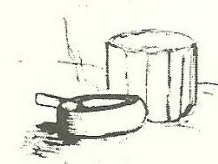
levantaram e dançaram

seus corpos afastados e jogando os calcanhares

pro alto do jeito que o pessoal da fazenda dança no Arizona e

no Novo México e em Utah e em Wyoming.

quando acabou, nossa mesa estava pronta e nós entramos
e o garçom disse, lamento, mas o ar condicionado
quebrou. minha cadeira estava bamba
e quando a comida finalmente chegou não era
lá grandes coisas.



tarde da noite
.....

o homem no rádio fala sobre a
última hora de Sodoma.
antes ele tinha falado das
últimas Sete Palavras de Cristo.

meu gato entra.
olho pra ele.
é todo pêlos, olhos, rabo, pernas,
garras, bigodes.

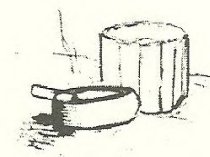
mudo a estação do rádio.
tem um solo de flauta.
longas espirais semi-encadeadas de
melodia.

encontro uma cédula do banco central sobre
a escrivaninha.
tem dois 5's grandes
nos cantos superiores,
dois 5's menores nos inferiores,
também quatro 8's menores mais adiante
na nota.
tem também 8 números seriais
reproduzidos duas vezes.

quantos números tem no
lado do Lincoln de uma nota de 5 dólares?
24.
você pode ganhar uma aposta desse
jeito.

mudo a estação do rádio
de novo.
uma mulher canta,
*"Don't get me wrong,
it wasn't easy
getting over you..."*¹

o gato sai e eu
me levanto para ir ao quarto
para
dormir.



1- “Não me entenda mal / não foi fácil / me recuperar de você”, música country/pop de Reed Nielsen intitulada *Except for Monday*, gravada por Lorrie Morgan em 1991.

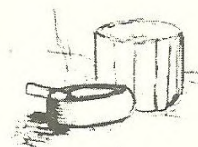
estava tudo bem logo que me mudei pra cá: no terceiro dia, meu vizinho da direita me viu podando a cerca viva e me ofereceu seu aparador de cerca elétrico. agradeci, mas disse que precisava do exercício. então me abaixei e acariciei seu minúsculo cachorro amedrontado. disse que tinha 83 anos mas ainda ia ao trabalho todo dia. a empresa era dele e eles tinham um milhão de dólares de faturamento todos os meses. não pude me igualar então não disse nada. me disse então que se eu precisasse de qualquer coisa avisasse a ele e/ou a sua mulher. agradeci, e voltei para a cerca.

toda noite podia ver sua mulher assistindo televisão. ela via os mesmos programas que eu. então uma noite me senti tenso ou algo assim e subi e desci correndo as escadas gritando com a mulher com quem moro. (algumas noites eu gritava alto e dramaticamente, correndo pelado, por uma hora ou duas, depois ia pra cama e dormia.)

fiz isso duas vezes na segunda semana em que morei aqui. agora não vejo mais a mulher dele assistindo televisão. as venezianas estão fechadas, e não vejo mais o velho com seu minúsculo cachorro amedrontado, também não vejo mais meu vizinho da esquerda (apesar de que no 4o. dia dei a ele algumas tangerinas do meu quintal).

todos desapareceram.

falando nisso
até minha mulher não está aqui essa noite.



mudei para uma nova casa e decidi trocar as fechaduras.
liguei para o chaveiro mais próximo e ele me disse
que não precisaria mudar as fechaduras, ele poderia fazer novas chaves.

“tudo o que tem a fazer,” ele disse, “é pegar
as fechaduras e trazê-las aqui.
apenas tire os três parafusos pequenos
e retire a fechadura.”

a porta lateral não foi difícil.
retirei a fechadura e a coloquei cuidadosamente numa
caixa de papelão.
então
fui para a porta da frente e parecia simples
só que a maçaneta da porta da frente saiu e
pensei,
será que ele vai precisar da maçaneta também?
coloquei tudo na caixa de papelão e fui para
o carro e dirigi até o chaveiro.

“você é o cara que ligou?” perguntou.
disse que era e então ele perguntou,
“você tem a chave?”
dei-lhe a chave e ele pegou ela e as fechaduras e a maçaneta
e sumiu dentro da loja.

fiquei na rua em frente ao lugar e esperei.
a única vista era a parte de trás de um posto da Texaco.
olhei para isso por um tempo então
andei até o meu carro e olhei um pouco para ele
e então
acendi um cigarro e voltei.
as chaves estavam prontas.
“10 pila,” ele disse.
perguntei se ele poderia me falar um pouco sobre como
reinstalar as fechaduras.
“claro,” ele disse, “essa parte se encaixa aqui. não
importa que lado você enfie aqui,
qualquer lado dá certo.”

perguntei, “se qualquer lado dá certo, então por que um lado tem um nódulo enquanto o outro é liso?”
“boa pergunta,” ele disse, “agora esta parte, esses dois pinos entram aqui, você prende contra a frente da fechadura e aperta os 3 parafusos. quando fizer isso tenha o cuidado de ver se a fechadura está trancada.”

leve as fechaduras para casa e tentei a porta lateral primeiro e tudo pareceu encaixar bem, trancava e destrancava, apesar de ter um espaço entre a fechadura e a porta e ela não iria fechar quando batesse.

depois
tentei a porta da frente
pus a maçaneta de volta
depois
encaixei as outras partes.
tive algum problema para colocar os parafusos na madeira e parafusar, mas depois consegui, mas não estava certo: a lingüeta estava travando a maçaneta e ela não levantava.

liguei para minha namorada e falei que não conseguia instalar fechaduras.
“é fácil,” ela disse, “eu mesma já troquei várias, não há nada de mais.”
disse a ela que não era fácil porque mesmo quando dizem algumas coisas, outras eles deixam de fora.
“esqueça as fechaduras,” ela disse, “eu arrumo isso quando chegar aí.”
o problema é que ela viria só no dia seguinte.

abri um vinho e sentei na frente da máquina de escrever e liguei o rádio e fumei charutos e escrevi.
bebi o vinho e fumei e escrevi até algum ponto entre uma e duas da manhã, então fui até a cama, me joguei nela e dormi.
acordei 30 minutos depois, tirei a roupa e me

enfiei debaixo do lençol.
lá pelas 4:30
acordei e lembrei da porta da frente e
me levantei e desci as escadas pelado.
peguei a chave de fenda e comecei a trabalhar mas
as peças da fechadura estavam misturadas.
tentei colocar a fechadura de volta, checando o buraco
da lingüeta e então
descobri que
tinha perdido um dos 3 parafusos necessários para segurar a
fechadura no lugar.
acendi as luzes, mas o chão estava
escuro, então
acendi a luz da varanda mas ainda assim não consegui achar
o parafuso, então
fui pelado até a garagem e olhei no porta luvas do
carro, peguei a lanterna, voltei para a
varanda, me ajoelhei, acendi a lanterna e ela apagou
depois de cerca de dez segundos.
peguei todas as peças da fechadura e juntei elas
num pequeno monte, depois
fechei a porta e apaguei todas as luzes.
tinha um buraco grande na porta por onde
a luz da lua entrava.
encontrei três cadeiras e amontoei elas contra a porta fechada
e então subi e voltei para a cama.

de manhã
telefonei para o chaveiro e disse que
não tinha conseguido e perguntei se não havia alguém que ele pudesse
mandar. e falei dos 3 parafusos. que
eu tinha perdido um deles.

“você é o cara de camiseta
branca, não é?” ele perguntou.
“sou,” respondi.
“vou mandar um cara aí em
algumas horas.”

esperei até o meio dia e então
telefonei de novo e

falei que
eu era o cara de camiseta branca e que
tinha telefonado antes e que
tinha um importante compromisso de negócios àquela tarde
(era um dos últimos dias do encontro no hipódromo Oak Tree,
primeiro páreo ao meio dia e meia)
e que eu *poderia* cancelar meu compromisso mas
que certamente preferia não fazer isso.

“tenho outro cara que entra às 12:15,” ele disse.
“ele estará aí em alguns
minutos.”

o cara chegou à 1:05 e
disse a ele que deveria haver 3 parafusos e que
eu tinha perdido um deles.

“que casa legal você tem,” disse.
ele pegou a fechadura e começou a montar
e disse,
“não, você não perdeu um parafuso, ele está aqui preso
atrás da fechadura.”

fiquei lá olhando ele colocar a fechadura no
buraco da porta.
então ele puxou a fechadura para fora da porta.
“sabe,” ele disse, “é uma fechadura muito
complicada, é cara e mais difícil de
montar.”

depois ele sacudiu as peças da fechadura e
colocou de volta na porta.
depois tirou as peças de novo.

“não entendo,” disse
olhando para a maçaneta.
a maçaneta está emperrada então vou ter que consertar
a maçaneta antes.”

sentou-se nos degraus e torceu a

maçaneta e
fui até uma mesa no outro cômodo e sentei onde
pudesse vê-lo.
tinha um jornal ali
que eu já tinha lido e
comecei a ler de novo.

5 ou dez minutos se passaram e
eu disse,
“olha, vamos trocar tudo... maçaneta nova,
fechadura nova e vou pagar por tudo.”

“espere,” disse, “me dê uma chance.”

li um pouco mais do jornal,
li toda a primeira página.
então o cara levantou-se:
“já volto, vou lubrificar
essa coisa...”

ele saiu por uns vinte minutos e quando
voltou a maçaneta já não estava emperrada e
encaixou as peças da fechadura e colocou no lugar.
depois colocou a chave e funcionou.

“funciona, mas ainda tem algo errado aqui que
não consigo entender.”

“estranho,” disse, “não tive quase nenhum problema em
colocar a fechadura na porta lateral.”

“você quer dizer,” ele perguntou, “que tem *duas* fechaduras?”

“tem, não te disseram isso?”

“não. então é aí que está o problema: deixa eu ver a outra
fechadura.”

mostrei a outra fechadura pra ele.
“está meio torta,” disse, “mas funciona.”

ele disse, “você misturou as peças das duas fechaduras.
são fechaduras diferentes.”

depois ele pegou as duas fechaduras
rearranjou as peças do jeito que deveria ser
pôs as fechaduras no lugar e as duas
funcionaram bem.

“são 15 pila,” ele disse.

achei razoável e dei a ele uma nota
de vinte.

“droga,” ele disse, “não tenho troco.
você não tem trocado?”

“não, só tenho notas de vinte.”

“vai precisar de um recibo?”

“vou, para descontar no imposto de renda.”

ele ofereceu uma carona até o mercado da esquina
onde poderia trocar o dinheiro
entramos na caminhonete dele e fomos ao
mercado e
entrei e peguei duas garrafas de vinho e troco para uma das
minhas notas de vinte.
saí e entreguei a ele seus 15 pila e disse pra ele esquecer
o recibo.
geralmente perco eles muito antes da época de declarar o imposto.

“te dou uma carona de volta,”
ele disse.

então voltamos morro acima e
errei o estribo enquanto saía
mas consegui não cair enquanto ele
arrancava.

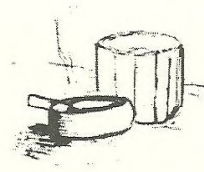
subi pela entrada de carros com minhas duas garrafas de vinho
enfiei a chave na porta e ela abriu.
sentei, saquei a rolha da garrafa e servi
um copo, então
liguei para minha namorada.

“tarde demais para as corridas mas as fechaduras
estão consertadas.”

“eu podia ter feito isso,”
ela disse. “é tão simples.
podia ter economizado o seu dinheiro!”

“eu sei,” eu disse, “mas você não estava aqui.”

40 minutos depois
estava no hipódromo quando eles se preparavam
para a 5a. corrida.



o típico bêbado

estava no convés próximo à grade
quando um cara se aproximou
e perguntou, “você é o bêbado?”
o barco estava cheio de gente da mídia, modelos,
fotógrafos, roteiristas, etc.
tinha recém-terminado um casamento e eu fiz
para mim dois sanduíches de peru e me concentrava
na champagne.
o cara começou a falar sobre filmes
enquanto fiquei lá pensando, perdi um
dia de corridas.
as coisas sempre ficam no caminho das
corridas: casamentos, viagens para a Europa, entrevistas
e doenças.

minha namorada estava falando com um alemão gordo de óculos escuros.
não ia ser uma festa muito boa.
“com licença,” disse ao meu amigo, “mas tenho que
pegar mais um pouco de peru.”

quando voltei tinha essa garotinha legal comigo;
era tão legal que eu nem
pensei em sexo.
ela trabalhava para a noiva e eu conhecia a noiva e
conversamos sobre seu trabalho para a noiva.
então falei para a garota, “se eu não fizer confusão
nessas festas, então não há confusão nenhuma. não
sei por que sempre tenho que ser aquele que arma
a confusão.”
“ouvi dizer que você *realmente* causa confusão,” ela disse.
“sério?”, perguntei, colocando minha mão na
bunda dela.
“sério,” ela disse.
enquanto eu apertava a bunda dela
continuamos conversando e logo todos entramos na cabine, a
garota, minha namorada, o alemão de óculos escuros e
eu.

as garrafas de bebida estavam lá dentro e elas estavam ficando vazias.

estava ficando angustiado quando o noivo entrou e disse, “estamos indo para o Hotel Beverly Hills...”

quando acordei, estava numa cama estranha mas minha namorada estava comigo então estava tudo bem.

“bem,” ela disse, “você fez seu velho truque com a faca de novo, você puxou sua faca para o *maitre* e para os garçons do Polo Lounge e agora você está proibido de voltar ao Hotel Beverly Hills.”

“não devia carregar aquela coisa,” disse, “eu sempre esqueço.”

“iam chamar a polícia mas nós os convencemos a não fazer isso, então viemos pra cá e você amassou a frente do seu carro porque não conseguia engatar a marcha ré, você bateu no poste de telefone e você queria amassar o carro atrás do seu porque você não gostou do jeito que ele estava estacionado mas você não conseguiu dar a ré então você desistiu.”

levantei e comecei a me vestir.
“vamos sair daqui. onde estamos?”

“na casa do Hansen.”

Hansen era um câmera famoso.

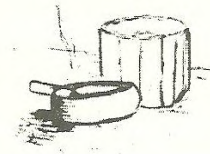
saí. Hansen estava lá, a senhora Hansen estava em Paris; tinha também um ator lá lendo os quadrinhos do jornal e um diretor olhando o mar.

“estamos quase prontos,” disse, “logo vamos embora.”

alguém tossiu.
minha namorada veio e fomos até o carro.

tinha vidro quebrado no chão.
dei marcha ré sem dificuldade
mas arranhei a lateral do carro num
pilar de cimento.

então dirigi na contra-mão numa rua de mão-única.
notei logo e
dobrei à esquerda na esquina seguinte.
era apenas outra manhã de domingo em
Marina del Rey.



logo antes de deixar *East Hollywood* meu gato
entrou numa briga que o deixou
com uma orelha deformada.
agora estamos morando em San Pedro
levei-o ao veterinário ontem.
tinha uma sala de EMERGÊNCIA
tinha odontologia animal
terapia de choque
eletrocardiograma
pré-anestésicos
sala de operações
clínica psiquiátrica com
avaliação psicológica e
terapia comportamental
um ambulatório dermatológico
unidade de terapia intensiva
enfermeiras particulares e
observação médica 24 horas
além das costumeiras
pílulas e
ungüentos.

a conta
deu R\$419,75
e haveriam despesas adicionais com
o tratamento e medicação.

“Nossa,” disse ao veterinário, “é um gato de rua de dez anos
castrado. posso pegar dúzias desses de
graça.”

o veterinário apenas fez pequenos círculos num pedaço de papel
com seu lápis.

“tudo bem,” eu disse, “vá em frente.”

“Butch Chinaski,” o veterinário escreveu o nome
do paciente.

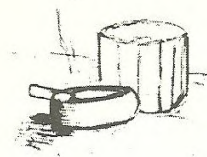
quando voltei para pegá-lo 3 horas depois
eles tinham enfaixado a maior parte da cabeça dele e
ele tinha um buraquinho úmido no lado da
cabeça. ele saiu da sala 6
carregado por uma enfermeira com uma saia branca apertada.

“o que vocês fizeram?” perguntei, “uma
lobotomia?”

estamos em casa agora. ele se senta em cima do
fogão e olha para mim. não está feliz. ele é
Butch Van Gogh Chinaski.

como um amigo meu me disse uma vez:
“cara, tudo o que você toca vira merda!”

ele está certo.



não
quero Cleópatra

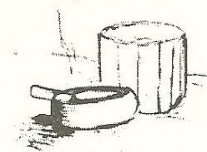
estou sempre me exibindo.
saio pela porta da frente de cueca
me abaixo para pegar o jornal e
minhas coisas ficam pra fora.

tomo banho de sol pelado no quintal
e às vezes me levanto.
"seu idiota," minha namorada diz,
"a senhora Catherty pode te ver por
cima do muro!"
"onde ela está?" pergunto.
"está logo ali regando as
roseiras!"
"oh..."
"abaixe-se!"

para mim, a nudez é uma piada.
não acho que pessoas nuas sejam atraentes
de modo algum.
gosto de minhas mulheres completamente vestidas.
gosto de imaginar o que pode haver ali por
baixo.
pode não ser o que você esperaria.

imagine-se despindo uma mulher
e seu corpo é como um pequeno submarino
com um periscópio, hélices, alguns torpedos.

seria a mulher ideal para mim!
me casaria com ela imediatamente e
seria fiel até o fim.



os estranhos caminhos da vida sombria

morava no Canadá e num famoso
encontro ele nocauteou
Hemingway
mas não escrevia tão bem quanto
Hemingway.

lembro de anos atrás,
e falo das pistas de corridas
agora,
um dos piores jóqueis deu uma surra
num dos melhores jóqueis.
isso lhe rendeu um pouco de atenção
por um tempo
mas o melhor jóquei continuou
vencendo
como de costume
e aquele que fudeu com
ele
ainda mal conseguia levar um cavalo até
a linha de chegada.

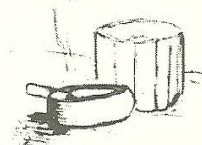
é claro, o que fez
a derrota de Hemingway mais
horrível
foi sua postura varonil, sua
auto-proclamada
bravura, sua
masculinidade.

ainda, não há um homem
vivo,
por melhor que ele seja com
seus punhos,
que num dado momento,
mesmo no ápice de sua vida,
não possa ser derrotado
por alguém
em algum lugar.

*

eu, eu tenho sorte:
nunca aleguei ser
bom de briga,
apenas que já estive
em um certo número de
brigas
e que eu relembro
minhas poucas
vitórias
com prazer e
surpresa.

minha única pretensão à fama
era a de que conseguia agüentar
uma boa porrada,
muitas boas porradas
(e infelizmente
agüentei)
as quais eu penso
(com meu pobre
cérebro esmagado
até virar
nada)
que de alguma forma me levaram a
aprender como
colocar as palavras no
papel
usando um verso
simples e um
estilo
despojado
(nunca ensinado nas
universidades)
graças ao demônio
e graças ao pássaro azul
na boca do gato
com os delicados bigodes
e as patas almofadadas da
morte.



num trem em algum lugar da Europa, bebendo o último drinque, a noite e a insônia por perto, cansado de olhar pequenas vilas que passam habitadas por pessoas sensatas o suficiente para ficarem em suas próprias camas (um bom lugar para suportar a vida e esperar por nada além disso).

ela está dormindo no seu ombro enquanto você tenta desejar que o meio copo de vinho em sua mão se transforme em um copo cheio enquanto você também deseja estar em qualquer lugar menos aqui. viajar expande os horizontes, dizem, mas não é verdade, viajar reduz, confunde, diminui, inunda desde o topo da cabeça e pinga pelos seus olhos. existe essa necessidade insensata de aceitar algo novo que ainda não se entende.

você bebe o meio copo, esperando que a língua leve misericórdia para a mente; o que não acontece. você coloca o copo, o copo vazio, na janela, olhando os telhados quentes e coloridos das vilas enquanto as tropas embriagadas de algum exército entram: garotos cambaleando rumo à idade adulta fazendo estardalhaço no vagão, cantando desafinados, quase amedrontados, ainda muito próximos dos braços da mãe mas *alto*, você sabe, talvez alguns deles agora corajosos com a bebida. são treinados para obedecer, matar e morrer. alguns esbarram na porta da cabine enquanto passam ansiando e sonhando com mulheres e com a vitória.

levanto, fico na porta da cabine. eles olham para dentro, espiam, alguns batem seus punhos contra o vidro; há energia quando eles gritam e cantam, há energia que precisa ser usada. aceno, pisco, ou fico impassível a cada rosto que passa, dependendo do seu humor ou do meu, dependendo de que blefe ou que força ou que determinação ou resistência ou compreensão são necessários. continuam chegando: deve ter uma merda de um meio exército.

ei, garotos, nasci aqui como vocês. vêem?
sou alemão. reparem no formato do crânio; maxilar de buldogue; os
torpes olhos amedrontados. nasci em Andernach, no Reno.
tenho um tio lá com 93 anos.

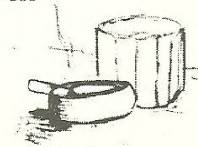
estou assustado e não estou assustado; estou pronto para
eles e é bom estar pronto, seja lá o que está por vir eu
vou arrancar o saco de alguém, alguém vai perder
uma retina ou uma orelha, pelo menos, antes que partam minha cabeça
e mergulhem pretzels no meu cérebro...

então eles se foram, o último filho da mãe, rostos brancos
como comprimidos de aspirina achatados e talvez agora eu seja capaz
de ouvir a Quinta Sinfonia de Sibelius novamente.

tiro meus sapatos e escorrego para o longo e estreito
banco que usamos como cama.
ela se esticou confortavelmente enquanto eu confrontava
aquele batalhão e me deito ao lado dela,
coloco meu braço em volta da sua cintura para evitar de rolar para
o chão enquanto dormimos, enquanto ela dorme, enquanto eu tento
dormir.

é uma boa garota. de manhã quando a luz vem
através da grossa e suja janela do trem, iluminando o
copo colorido, ela irá
se levantar, ir ao banheiro no nosso pequeno compartimento,
então voltar e me achar parecendo deprimente estúpido mudo
derrotado, sonolento e insone, sorrindo sombriamente.
ela vai tirar o mapa e me falar sobre os castelos
e vinhedos que virão, de paisagens vívidas e
milagres, e ficarei contente por sua excitação mas
o mundo e sua história e seus caminhos me deixarão confuso
como sempre e desejarei deixar aquele trem e
deixar esse lugar e desejarei urgentemente ir para casa, onde quer que
isso seja.

mas agora as tropas se foram e a última bebida se foi
e a noite se foi
e eu espero
sem sonhos e insatisfeito
como quase todas as outras pessoas.



em Mannheim era sempre a mesma coisa: começar
 com algumas cervejas numa mesa na
 avenida, às dez da manhã, sentado com um casal de amigos
 alemães, nada mais para fazer; algumas cervejas
 chamam mais algumas cervejas.

era preciso alguma coisa para curar a noite anterior.
 a noite fora péssima, de acordo com minha namorada.
 eu cantava e gritava, estrelava no banheiro, uma
 grande câmara de ecos: "EVERYTHING DIES! BLACKBIRDS
 DIE! BYE BYE, BLACKBIRD! MAKE MY BED AND LIGHT THE
 LIGHT..."²

o gerente do turno da noite nos ligou três vezes.

agora, mais cerveja. agora, algum vinho branco. tenho
 que curar a noite. e então ir para a cama cedo.

nunca nada para comer. na hora em que você se levanta a cozinha
 do hotel está fechada. na Alemanha tudo vive fechando.
 os cafés fecham lá pelas duas ou cinco da tarde.
 às cinco você está bêbado demais para comer. a Alemanha é muito
 mais bêbada que os Estados Unidos. até os abstêmios
 bebem vinho porque não se pode beber a água. quase
 todo mundo na Alemanha é rico; os pobres morrem de sede.

os bares são mais barra-pesada na Alemanha do que no leste de Los Angeles,
 freqüentados por gangues de Neo-nazis com seus cães assassinos.
 se você quiser ir no mictório é melhor sorrir, acenar,
 abanar a cabeça, piscar para eles, senão...

nada para fazer senão beber e esperar que o sol se ponha
 e que o sol se levante.

2- "Tudo morre! / Os pássaros pretos (Melros) morrem / tchau tchau, pássaro preto! Preparem
 minha cama e acendam a luz...!", *Bye Bye blackbird* é música de 1926 escrita por Mort Dixon, com
 melodia de Ray Henderson, muito popular na cena Jazz e Blues de Boston dos anos 30 e regravaada
 por muitos artistas desde então.

ou descobrir-se em algum pequeno café no alto das colinas
perto dos vinhedos, às vezes depois da uma da manhã ou duas
da manhã ou três da manhã, onde você come lesmas, salsichas
e aspargos pelo preço de uma semana de salário.
as pessoas com você parecem satisfeitas; mas para você
não é tão interessante ou agradável. porque no fim das contas
você vai cagar tudo mesmo.

uma coisa que você aprende, você tem que aprender: você deve
parar de pensar muito: todas as descidas de barco pelo Reno cheias
de americanos gritando, cérebros fotográficos carregados com filme queimado, todas
aquelas viagens em trens de brinquedo para lugar algum – olhando pela janela
tudo tão limpo e nítido; telhados coloridos
passando e embaixo de cada telhado provavelmente um inferno particular para
cada um dos que estão lá dentro.

você pára de pensar porque pensar simplesmente não é útil
por ali.
você se agarra a um único pensamento: que você vai *embora*,
finalmente, depois de ter feito sua parte com as editoras e
os editores e a namorada.

e finalmente você vai *mesmo* embora, levando malas demais, a maioria delas
dela, parado no saguão, no balcão, pagando com
milhares e milhares de Marcos Alemães, se sentindo estuprado e pilhado
pelos Hunos; o gerente noturno agora está apagado; o gerente diurno,
cordial, curvando-se, com classe e cultura – “acho que ele é o dono daqui,”
minha guria sussurra, “e acho que ele simpatizou com a gente.”

isso é bom, isso é bom, a camarcira apressada, ganhando outra
gorjeta pelo que havíamos esquecido no quarto. “oh, dê *mais* que isso para
ela, ela foi tão *gentil* com a coisa do suco de laranja!” então, eu lhe dou
mais.

estamos todos abraçando, abraçando uns aos outros, vamos em direção
à saída, arrastando malas sobrecarregadas, abraçando, sorrindo,
abanando. estou envergonhado.

e então para o aeroporto. polícia alemã, rígida, parecendo
assustada mas pronta, parada com os dedos nos gatilhos dos rifles.
estão em um pânico de vigília. coisas estranhas andam acontecendo

no mundo; há coisas como terrorismo para se combater
agora.

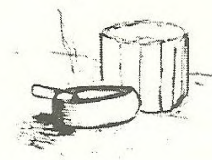
acenando, acenando para amigos alemães, e
quando estamos lá em cima e voando, rapidamente a terra cai.

pergunto à aeromoça quanto tempo falta para a primeira bebida e a
puia me ignora. afastando-se pelo pesadelo, me mostrando
sua bunda, suas partes traseiras. ela provavelmente é uma boa garota em casa,
brinca com o cachorro, boa para sua mãe, chupa seu namorado mas
voando pelo espaço, ela é o inimigo.

minha namorada está no meu ombro, está chorando, “oh, eu odeio ir embora!
estava tão bom! tão bom!”

a pior coisa pra mim é não ter alguém com quem falar
quando algo óbvio deve ser dito; mas daí
se eu tivesse isso algo mais estaria faltando, e
eu seguro a aeromoça na próxima vez que ela passa e ela diz, “sim, sim,
eu trago sua bebida daqui a pouco!”

voando para a terrível América,
meu mundo voltando ao normal.



Livros do Autor publicados no Brasil

Vida desalmada. Spectro, 2006.

Essa loucura roubada que não desejo a ninguém a não ser a mim mesmo amém. 7 Letras, 2005.

Tempo de voo para lugar algum. Spectro, 2004.

Hino da Tormenta. Spectro, 2003.

Os 25 Melhores Poemas de Charles Bukowski. Bertrand, 2003.

O capitão saiu para o almoço e os marinheiros tomaram conta do navio. L&PM, 1999.

A mulher mais linda da cidade. L&PM, 1997. (coletânea)

Pulp. L&PM, 1995.

Numa Fria. L&PM, 1993.

N.York, 95 cents ao dia. L&PM, 1991 (quadrinhos)

Delírios Cotidianos. L&PM, 1991 (quadrinhos)

Hollywood. L&PM, 1990.

Fabulário Geral do Delírio Cotidiano. L&PM, 1986.

Factotum. Brasiliense, 1985.

Notas de um velho safado. L&PM, 1985.

Crônica de um amor louco. L&PM, 1984.

Misto quente. Brasiliense, 1984 e L&PM, 2005.

Mulheres. Brasiliense, 1984.

Cartas na Rua. Brasiliense, 1983.

Sobre o Autor

Charles Bukowski (1920-1994) é um dos poetas mais influentes da atualidade. Com mais de 60 livros publicados, e a maior parte de sua obra ainda inédita sendo lançada postumamente, Bukowski retrata o mundo com pessimismo e coloquialidade.

Embora sua fama no exterior seja como poeta, sua poesia é ainda muito pouco conhecida e difundida no Brasil, onde a maior parte do que chegou foi a prosa. Seu verso é de estilo simples, o que no entanto não quer dizer desleixado. Pode-se notar em toda sua obra essa busca pela linguagem falada como um elemento importante na forma como Bukowski constrói cenas nítidas e vívidas. Ele é, acima de tudo, um contador de casos e as linhas curtas e quebradas da poesia lhe fornecem o meio ideal para a concisão de suas histórias, o que aumenta ainda mais seu poder narrativo.

É freqüentemente apontado como poeta *Beat*, embora esse apontamento seja errôneo. Bukowski foi sim contemporâneo da poesia *Beat* e se beneficiou em muito dela para a divulgação dos seus poemas, mas no conjunto da obra há um projeto narrativo diferente em Bukowski. Ele próprio sinaliza essa diferença algumas vezes, como no poema *O que precisamos*, do livro *Tempo de vôo para lugar algum*, onde o alvoroço do poeta *beatnik* contrasta com o agradável silêncio da geladeira. Essa ironia sutil e fria, que prefere a solidão ao convívio com outras pessoas é marca recorrente na poesia de Bukowski. O projeto poético de Bukowski é muito diverso dos poetas *Beat* e está muito ligado à sua origem estrangeira. Bukowski é não somente um *outsider*, alguém que se recusa a se integrar na sociedade, mas um estrangeiro que cresceu no clima de guerra e hostilidade a seu país de origem, a Alemanha. Em muitos de seus poemas Bukowski faz referência ao seu gosto pela música clássica e filosofia alemãs, e é interessante notar que ele faz isso ao mesmo tempo em que demole com o ideal de sonho americano. Essa tensão entre as duas culturas, personificada no imigrante, está presente em boa parte da literatura de Bukowski, e talvez por isso ele tenha se identificado tanto e gostado tanto de John Fante, que focou ainda mais nesse tema.

É sob esse olhar de alguém que não pertence àquela sociedade, que Bukowski irá contar seus casos e expor sua preferência pelos que vivem à margem na sociedade. Seus poemas vão do melancólico e contemplativo a histórias de bares, bêbados, mulheres, fracassados e imigrantes pobres como os porto-riquenhos do poema *Terroristas*, incluso neste livro.

Sobre este livro e a editora

Este livro, o terceiro volume deste autor publicado pela *Spectro Editora*, traz poemas da fase tardia da sua vida, lidando com os problemas da fama, como no poema *a vida desalmada*, da viagem para a Europa, como em *retorno*, histórias de bebedeiras, como em *o típico bêbado*, cartas de leitores, como em *mais cartas*, o ato de escrever, como em *poema, poema, poema, poema*, e da sua vida doméstica com a mulher, gatos e vizinhos como em *o gato da ilha de Man e suores noturnos*.

A ênfase da maioria dos poemas segue sendo a narração de casos, como em *cachorro morto*, *20 pila* e *quatro jovens de uma gangue*, permeados sempre pelo olhar de quem se descreve, no poema *terroristas*, como apenas “mais um doido branco fracassado”.

A tradução, a exemplo dos dois livros anteriores, procurou primar pela exatidão dos termos, buscando sempre correlatos no português para os termos de gíria do inglês. Evitou-se recorrer a notas de rodapé, embora em dois casos tenham sido necessárias. Procurou-se manter a coloquialidade, isto é, o registro oral da linguagem. O objetivo maior, acreditamos, seria fazer uma tradução tão boa quanto o original. Esperamos ter conseguido.

Assim como nossos demais livros, cada exemplar é numerado, o que o torna único.

Além deste livro a *Spectro Editora* publicou ainda *Hino da Tormenta* (Charles Bukowski, 2003), *Dia de morrer aos poucos* (Sigval Schaitel, 2004) e *Tempo de vôo para lugar algum* (Charles Bukowski, 2004). Você pode entrar em contato conosco pelo site www.spectroeditora.com.br ou pelo email spectro@spectroeditora.com.br

Esta obra foi composta utilizando a fonte Garamond,
corpo onze, papel pólen print 85 g/m², impresso
na gráfica Agnus, em março de 2006.

✓ Charles Bukowski (1920-1994) é um dos poetas mais influentes da atualidade. Com mais de 60 livros publicados, e a maior parte de sua obra ainda inédita sendo lançada postumamente. **Bukowski** retrata o mundo com pessimismo e coloquialidade. Este livro, o terceiro volume publicado pela **Spectro Editora**, traz poemas da fase tardia da vida do autor, lidando com os problemas da fama, da viagem para a Europa, cartas de leitores e monogamia. Seu mundo continua, no entanto, perturbado e estrangulado por mecanismos além de sua compreensão, como no poema **fechaduras**, ou pelo convívio com outras pessoas, como no trecho abaixo do poema **bons tempos**:

fiquei cansado de ir aos bares
e depois fiquei cansado até de
dirigir até a loja de bebidas,
comecei a encomendar por
telefone.
eles me conheciam.
alguns tinham lido meus livros.
podia ouvi-los falando
no fundo
através do telefone.
estavam discutindo sobre
quem iria
entregar o pedido.
todos queriam entregar,
eles queriam ver o
circo de horrores:
eu na porta
com cabelo na cara,
minha barriga de cerveja sob a camiseta,
meus olhos vermelhos,
minha barba por fazer,
as garrafas no chão,
as mulheres.
eles queriam ver
isso.

